

Faz-nos um!

Palavra do paraninfo do Curso de Bacharel em Teologia – matutino – prof. ms. Paulo Ayres Mattos

Magnífico Reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista prof. dr. Rui de Souza Josgrilberg,
Ilustre prof. Edson Faria Francisco, patrono da Turma Matutina de 2006 do Curso Bacharel em Teologia,
Demais Ilustres Membros da Mesa,

Amadas Irmãs e Irmãos em Cristo Jesus,
Queridas Formandas, Queridos Formandos ,

Deixem-me, antes de mais nada, cumprimentá-los pela grande vitória que alcançam com a conclusão de seu curso de bacharel em teologia, expressando-lhes meu agradecimento pela honraria que me concederam ao me convidar para ser seu paraninfo. Não foi com pouca surpresa que a recebi. Professor contratado pela Faculdade de Teologia no início de 2006, nosso relacionamento foi somente por um semestre letivo. Desfrutamos de momentos devocionais quando pudemos junto com a reflexão teológica experimentar comunitariamente a comunhão com Deus. Houve alguns momentos tensos, mas também alguns divertidos e até mesmo hilários. Nem sempre fomos capazes de compartilhar nossas diferentes perspectivas teológicas, mas, com a graça de Deus, fomos capazes de dialogar de maneira aberta, honesta e respeitosa para com a diferença, buscando exercitar a advertência apostólica de que “*no que depender de vós, tende paz com todas as pessoas*”. Mas tudo isto foi somente num semestre de um curso de oito semestres. Daí a surpresa, a alegria e a gratidão que me trouxe o generoso convite que me fizeram.

Entretanto, por curta que tenha sido nossa convivência, sempre procurei com transparência expor-me, esforçando-me para deixar o mais claro que me foi possível os eixos fundantes de minha reflexão e prática teológico-pastorais. Ao me escolherem creio que vocês identificaram e resolveram compartilhar em alguma medida de elementos que constituem o meu discernimento espiritual sobre o que Deus pede de nós como sua Igreja nessa quadra conturbada da história de nosso mundo, país e igreja. Em primeiro lugar, gostaria de lembrar-lhes a máxima de Santo Anselmo, que tem norteado a minha prática teológico-pastoral “*Fides quaerens intellectum.*” (Porque creio, busco compreender!). Seguindo Santo Agostinho, na mesma trilha de Santo Anselmo, comparto com Gustavo Gutierrez a afirmação de que teologia é sempre um ato segundo somente possível na medida em que como comunidade e como pessoas de fé somos confrontados pelo mistério de Deus. Portanto, teologia deve sempre ser refletida e praticada no contexto da experiência comunitária e pessoal do Deus Triuno. E para nós que somos seguidores do Messias Jesus de Nazaré, nosso encontro com Deus se dá e se aprofunda na medida em que por sua graça e mediante a fé assumimos um radical compromisso com o Reino de Deus em obediência ao desafio do Mestre quando no sermão do Monte exorta, “*Buscai, em primeiro lugar, o seu Reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.*” O único critério que nos é dado é o Reino de Deus.

Em segundo lugar, gostaria também de lhes lembrar que toda prática teológico-pastoral deve buscar desenvolver-se sob outra máxima que me parece imprescindível ao nosso labor ministerial: “*Lex orandi est lex credendi et agendi.*” (A regra da oração é a regra da doutrina e da prática). A experiência do mistério de Deus, ainda que imperfeita e limitada por nossas equivocadas percepções e afeições, deve dar-se sempre no contexto de uma vida devocional disciplinada onde a oração ocupa um lugar central e insubstituível, sempre acompanhada da meditação e reflexão bíblicas. É neste contexto de fé que nossa prática teológico-pastoral pode expressar e experimentar pessoal e comunitariamente o que Wesley esperava de todos que aderiam ao movimento metodista, a busca da santidade de coração e vida. É no encontro da oração e da Palavra, lida, pregada e compartilhada na Eucaristia, que podemos discernir a relevância ou não de nossas teologias e práticas pastorais no local onde somos chamados como Igreja a participar da missão de Deus. Sob a ação e unção do Espírito Santo, labor teológico é imprescindível ao pleno cumprimento da *Missio Dei*. Por isso, resistam a tentação que constantemente nos assalta sussurrada por aqueles que insistem em separar a reflexão teológica da prática missionária. Tal tentação ora nos chega travestida por errôneas e escapistas espiritualidades que opõem o ministério do pastor e da pastora ao do teólogo e da teóloga, menosprezando o valor da crítica bíblico-teológica a práticas que têm a ver mais com o mercado dos bens religiosos do que com os valores do Reino. Outras vezes, por um

academicismo teológico estéril e esnobe que teima em desdenhar ou ignorar a prática missionária como o único *locus* possível para uma relevante reflexão teológica. Não foi, portanto, sem motivo que Celestino, bispo de Roma no século quinto, ao enunciar esta máxima “*A regra da oração é a regra da doutrina e da prática*”, de maneira íntima e inseparável, interligou oração, reflexão teológica e prática missionária. É altamente importante que todo pastor ou pastora tenha e faça uma relevante e consistente teologia diante dos desafios missionários contemporâneos, como todo teólogo ou teóloga em sua reflexão esteja inserido numa relevante e consistente prática pastoral. Portanto, não se esqueçam jamais da afirmação de Carlos Wesley: “*Unamos aquilo que por tanto tempo tem estado separado, conhecimento e piedade vital,*” e à recomendação de Karl Barth de se fazer teologia com a Bíblia n’ua mão e o jornal na outra, acrescentem a prática cotidiana da oração. Pois somente assim estaremos capacitados para levar à frente o desafio wesleyano de “*ganhar almas*” e de “*reformatar a nação, de modo particular a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre toda terra.*”

Em terceiro lugar, voltando ao ecumenismo, tema de nossas aulas, e tendo em mente o cântico “*Pai, faz’-nos um*” que nos acompanhou durante todo o semestre em que juntos trabalhamos, ao me escolherem como paraninfo, entre outros elementos, vocês o fizeram sabendo do meu compromisso ecumênico que, devido à atual conjuntura da Igreja Metodista no Brasil, não posso e não devo calar nesta ocasião. Creio, e esta é uma convicção pessoal, que de acordo com o testemunho bíblico sobre a intrínseca relação entre a *Missio Dei* e a busca constante para se fazer visível a unidade da Igreja já nos dada em Cristo Jesus, o metodismo, fundamentado no testemunho dos Pais da Igreja, dos grandes Reformadores do século XV, de nossos pais espirituais João e Carlos Wesley, e de muitos irmãos e irmãs que nos têm precedido na caminhada de fé, creio, repito, que o metodismo histórico tem um compromisso inescapável com o ecumenismo. E quero deixar bem claro mais uma vez que o meu compromisso ecumênico inclui necessariamente o diálogo com a Igreja Católica, Apostólica, Romana. Neste sentido busco seguir o mais de perto possível a prática de João Wesley que nunca se negou ao diálogo com os Católicos mesmo em meio às controvérsias com os Papistas de seu tempo, quando lhes fazia as mais duras e contundentes críticas. Assim, reafirmo publicamente minha discordância com a decisão conciliar de Aracruz que determinou nossa retirada de órgãos como o CONIC e a CESE por terem entre seus membros a Igreja Católica. E discordo por acreditar que tal decisão não levou em conta devidamente o compromisso metodista com a busca pela unidade da Igreja, estando em desacordo com atual compromisso ecumênico do metodismo mundial, conforme expresso pela última Conferência Mundial do Metodismo realizada na Coréia, em julho deste ano, uma semana depois de nosso Concílio em Aracruz. Apesar de minha oposição a essa decisão, como metodista a respeito e a ela me submeto, sem, contudo, renunciar ao direito de pensar e deixar pensar, pois se o fizesse estaria indo contra uma das mais importantes conquistas da Reforma Protestante, que é o direito ao livre exame das Escrituras; se posso livremente como indivíduo examinar e interpretar as Escrituras, com a liberdade que Deus concedeu a todos nós, por que haveria eu de renunciar ao direito de examinar, discordar e criticar decisões de qualquer reunião conciliar? Portanto, fiel ao lema agostiniano por vocês têm assumido em sua formatura, “*No essencial, unidade; no não-essencial, liberdade; em tudo caridade!*”, reafirmo, por amor à causa da unidade, aqui de público, minha disposição de lutar para que a Igreja Metodista no Brasil no tempo oportuno e de maneira correta retorne ao caminho colocado por João Wesley diante de todos os metodistas em todos os tempos e lugares, caminho do qual não podemos nos evadir, “*Se o teu coração está em paz com Deus, como o meu está, dá-me a tua mão, pois somos irmãos*”.

Finalmente, minha oração ao Deus de toda bondade e misericórdia em favor de vocês é que nunca abandonem o primeiro amor ou vendam sua primogenitura por um prato de lentilhas. Sejam fiéis ao chamado ministerial que Deus lhe fez um dia a cada um e cada uma de vocês. Aprofundem diariamente sua experiência de santidade de coração e vida na prática das obras de piedade e misericórdia no amor para com Deus e para com o próximo; sirvam a Deus que se manifesta no nosso próximo, e, de maneira mais angustiada, na vida das pessoas mais vulneráveis, sofridas e marginalizadas de nossa sociedade; levem o amor, a graça, a salvação de Deus não às pessoas que mais lhes agradam mas àquelas que mais necessitam de vocês. Que o Espírito Santo de Deus possa lhes empoderar constantemente no exercício de seus dons e ministérios na certeza de que “*o melhor de tudo, é que Deus está conosco*”.

Ora, o Deus de toda graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar. A Deus seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém!